

DO LEIGO

VILÉM FLUSSER

Vim para enterrar o leigo, não para louvá-lo. O mal que fez ainda sobrevive, o bem que seja enterrado com os seus ossos. E todos homens honrados (os especialistas), concordarão comigo. Dizem que o leigo era incompetente, e se o foi, era um grave defeito. E gravemente respondeu o leigo por ele. Com a permissão dos especialistas (e todos eles são homens honrados), irei falar no funeral do leigo.

Um termo frequentíssimo nos textos atuais é o termo "povo". Aparece nas formas mais diversas, geralmente derivadas do latino "populus" e do grego "demos". Discussões acaloradas são travadas em redor de preços populares, cantores populares, partidos populistas, tradições democráticas, revoluções democráticas e até (para acentuar o tema pelo pleonasm) democracias populares. É obvio que essas discussões são possíveis porque o termo "povo" admite definições variadas e contrastantes. Isto permite um belo diálogo entre surdos. Sugiro a seguinte definição que, creio, abrange todas: O "povo" quando me convém sou eu, e, quando não, os outros. Mas esta definição acabaria com a demagogia (que é, como diz o termo, popular), e é portanto contraproducente.

É curioso observar, em toda essa discussão, que uma denominação antigamente muito usada do termo "povo" foi recalcada. É aquela que deriva da palavra grega "laos". Todos defensores atuais do "povo" (e isto inclui todos os homens da atualidade), esqueceram que estão defendendo "laos". No entanto, sabemos da história que uma das revoluções populares mais poderosas, aquela chamada "reforma", lutava para estabelecer o reino do "laos". O ideal dos reformadores era a derrubada da opressão reacionária das camadas impopulares chamadas "clero", era o ideal da reforma. A reforma resultou vitoriosa. O domínio do "laos" foi instaurado. Surgiu aquela civilização leiga chamada "Idade Moderna". Mas o clero sobreviveu, embora metamorfoseado. Adaptou-se à nova estrutura. Atualmente é representado pelos especialistas. E sob esta máscara nova está reassumindo o poder provisoriamente perdido. A nossa civilização deixou de ser leiga. Os defensores do "povo" atuais são todos eles clericais neste sentido do termo. Encabeçam um movimento contra-revolucionário, porque oposto ao "laos". Não pode surpreender, portanto, que o termo "leigo", com o significado de "popular", esteja sendo suprimido pela discussão popular da atualidade.

cidade é o horizonte do meu ser, é a soma das oportunidades perdidas. Esta é a definição do termo "leigo": sou leigo enquanto ser não realizado.

Uma cultura leiga como cultura de seres não realizados? Admito que esta pergunta parece paradoxal, do ponto-de-vista do clero. Não pode haver cultura leiga. Cultura é sempre produto do clero, porque sempre produto de repartições especializadas. O máximo que o leigo pode produzir é diletantismo. E uma obra de dileta não pode ser considerada cultura. É uma obra não realizada. Do ponto de vista do clero o termo "cultura leiga" é uma contradição adjetiva. E a restauração do poder do clero, que marca a atualidade (embora de um clero mascarado), é um retorno a uma cultura competente.

Mas a cultura da Idade Moderna, aquela cultura que resultou na ciência e no domínio do Ocidente sobre a Terra, é leiga. Consiste de obras não realizadas, feitas por seres não realizados, no deleite do diletantismo. O ponto de vista clerical pode objetar a esta afirmativa que a laicidade marca a nossa cultura apenas nos primeiros estagios do seu desenvolvimento. Pode admitir que o Renascimento e o Barroco eram, efetivamente, épocas de diletantismo, mas insistirá que o verdadeiro progresso era fruto da progressiva especialização e clericalização das atividades. Que era, em outras palavras, fruto da contra-reforma. E que o estagio atual com sua especialização derradeira é sintoma da maturidade e seriedade da nossa cultura. O que o ponto de vista clerical diz, com efeito, é o seguinte: fora das repartições não existe cultura.

Desafiemos a afirmativa. Tentemos invertê-la. E que seja apenas para provocar discussão. Digamos: cultura existe apenas fora das repartições, e morre no instante da sua especialização clericalizada. Digamos: colarinhos romanos visíveis ou invisíveis estrangulam cultura. Afirmemos a incompetência como condição do brotar de cultura. Tomemos o partido de uma cultura leiga.

O século 18, e mais especialmente o século 18 inglês, pode ser considerado a época máxima do diletantismo. O "independent gentleman of means" (o cavaleiro independente e de posses) é a figura dominante. É um incompetente. Não se enquadra. Não tem especialidade. Não entende nada, no fundo. Não corre pelos canais competentes. Não pode ser definido. É um leigo no significado do termo, conforme a definição proposta em cima. Não estando realizado em nenhuma reparti-

das as repartições disponíveis. No seu "engagement" em prol de um "dégagement" participante. Em suma: na abertura para as oportunidades perdidas. "Leigo" é sinónimo de "existência digna".

Feita a defesa funerária do leigo, devo reconhecer que morreu. A genialidade da incompetência tornou-se inviável. Não há mais salvação fora do conjunto das repartições, uno, católico e romano. Não adianta protestar contra isto. No curso dos últimos duzentos anos acumulou-se nas estantes das repartições uma quantidade enorme de dados, de informações e de protocolos que proibem qualquer incursão por parte de incompetentes. O leigo na repartição é atualmente o proverbial elefante na loja de porcelana. Como no tempo da escolástica, está atualmente entregue a administração e propagação da cultura acumulada ao clero especializado. Com uma diferença: nos países desenvolvidos toda a população faz parte do clero. Todos estão especializados. Todos receberam as ordens sacras. Este é o significado atual da democracia e do povo: desapareceu o "laos". Isto não significa, é verdade, que tenha sido eliminada a incompetência do palco da atualidade. Pelo contrario: está se articulando, poderosamente, a incompetência dos especializados. Mas isto já é outro assunto.

Pode objetar-se ao que acabo de dizer, que o especialista (competente ou não), é leigo em todos os assuntos, exceto o seu. Que o apertador de parafusos é um ser aberto para a botânica e a arte grega. Mas a objeção é desmentida pela observação da cena. Toda repartição tende, antropofagicamente, a devorar as outras. Para o apertador de parafusos é a botânica e a arte grega mais um parafuso a ser apertado. O empenho em uma determinada repartição fecha, atualmente, todas as demais e transforma-as em oportunidades definitivamente perdidas. Esta é, creio, a derradeira vitória do clero: especialização monástica e monista. O futuro se apresenta como uma sociedade clerical na qual os especialistas passarão as suas vidas empenhando-se em iluminuras chamadas "parafusos".

No Brasil ainda não chegamos a tanto. Estamos na encruzilhada. Cruzam-se aqui as incompetências leigas e especializadas. Não estamos, ainda, enquadrados todos. Embora sejam inconcebíveis, entre nós, cavaleiros ingleses setecentistas, existe ainda o "intelectual independente". Talvez seja um cavaleiro de triste figura. E os

112-01

Não sigamos o exemplo da conversação geral, e procuremos definir o termo "leigo". É um termo relativo. Posso ser leigo com relação a algo, mas clerigo com relação a algo diferente. O algo com relação ao qual sou leigo ou clerigo são repartições especiais e especializadas. Por exemplo: posso ser clerigo na repartição especial e especializada chamada "apertar parafusos", e leigo nas repartições restantes. A minha relação clerical definirá, neste caso, a posição que assumo na situação que me cerca. Serei "apertador de parafusos". Serei leigo em tudo aquilo que a minha definição excluiu. Ser leigo é portanto uma maneira de dizer-se "não ser". Em tudo que não sou, sou leigo. A lai-

ção, está aberto para todas. A sua incompetência generalizada dá-lhe coragem de investir em todas as repartições e contra todas as repartições indiscriminadamente. Ora faz botânica, ora poesia, ora se candidata a deputado, ora escreve tratados sobre arte grega. Sugiro, como leigo que sou no assunto, que o cavaleiro inglês setecentista é a expressão máxima da nossa cultura.

Por que este entusiasmo? Porque creio reconhecer no cavaleiro inglês a aproximação mais perfeita de uma existência digna. A dignidade da existência está na sua abertura. Na sua liberdade de escolha. Na sua recusa de enquadrar-se competentemente. Na sua indiferença interessada face a to-

moinhos de vento contra os quais se lança (as estantes supercheias das repartições) ameaçam soterrá-lo debaixo do peso dos seus pergaminhos. E, no entanto, uma figura que se rebela contra a tendência da atualidade. E toda rebelião trás em si o germe de uma esperança. Enquanto existir um unico leigo, uma unica existencia a contemplar, interessada e ironica, as repartições do lado de fora, não está consolidada a victoria do clero. Esta é, a meu ver, a missão do Brasil no concerto do Ocidente: conservar o caracter leigo da sua cultura. Conservar sua abertura. Não será esta uma forma autentica de empenho no "povo" (laos)? Amigos, romanos, concidadãos, emprestem-me seus ouvidos.

Ans 10. n. 485. 9/Julho/1966